

JORNALISMO E EDUCAÇÃO MIDIÁTICA NO COMBATE À DESINFORMAÇÃO NA ERA DA PÓS-VERDADE¹

Eduarda Vitória Morais Darwiche Fiquene²

Marcelo Rodrigo da Silva³

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

RESUMO

Nesse contexto marcado pela pós-verdade, em que crenças pessoais se sobrepõem aos fatos, a desinformação nas mídias digitais tornou-se um desafio para o jornalismo e para a sociedade. Diante desse cenário, este texto tem o objeto de refletir sobre a educação midiática como estratégia metodológica no combate à desinformação. O problema investigado relaciona-se ao impacto das bolhas informativas, criadas por algoritmos e redes sociais, na formação da opinião pública. A intenção é compreender como a educação midiática pode capacitar cidadãos a reconhecer estratégias de manipulação e avaliar criticamente conteúdos noticiosos. Os escritos aqui apresentados compõem a etapa de revisão de literatura de uma pesquisa ainda em desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Midiática; Jornalismo; Desinformação; Pós-verdade.

INTRODUÇÃO

Conforme Lucia Santaella (2019), a expressão “pós-verdade” foi empregada por Steve Tesich em 1992 para referir-se a questões sobre a Guerra do Golfo e figurou no título de um livro pela primeira vez na obra de Ralph Keyes, publicada em 2004. Entretanto, somente em 2016 o termo foi indicado como a palavra do ano pelo Dicionário Oxford, designando as “circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (Santaella, 2019, p. 7).

Na era da pós-verdade, as emoções e crenças pessoais frequentemente prevalecem sobre os fatos objetivos, especialmente no ambiente digital. Nesse contexto, a disseminação de desinformação tornou-se um desafio significativo tanto para o jornalismo quanto para a sociedade em geral. As redes sociais e os algoritmos de personalização, que filtram conteúdos com base nos interesses individuais dos usuários, contribuem para a formação de bolhas informativas, limitando o acesso a fontes

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE11 – Desinformação, Educação Midiática e Plataformas Digitais, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 6º semestre do curso de Jornalismo da UFPB. E-mail:

³ Professor do curso de Jornalismo da UFPB. E-mail: prof.marcelorodrigo@gmail.com

confiáveis e promovendo uma visão unilateral e, por vezes, distorcida da realidade. Esse fenômeno coloca em risco não apenas a democracia, mas também a coesão social, ao promover divisões ideológicas profundas.

Nesse contexto marcado pela pós-verdade, em que crenças pessoais se sobrepõem aos fatos, a desinformação nas mídias digitais tornou-se um desafio para o jornalismo e para a sociedade. Diante desse cenário, este texto tem o objeto de refletir sobre a educação midiática como estratégia metodológica no combate à desinformação. Segundo Cecílio (2019, s/p.), a Educação Midiática trata-se de um processo que envolve a utilização do senso crítico no ensino e na aprendizagem a respeito da mídia, com o intuito de “estimular o senso crítico para que crianças e jovens sejam capazes de estabelecer relações, analisar informações, entender a natureza da mídia e refletir sobre o papel de quem produz conteúdo e de quem está recebendo na outra ponta”.

Para Cecílio (2019), as ideias principais da Educação Midiática também se fazem presentes em documentos normativos da educação brasileira como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a partir da descrição de suas competências e habilidades, mais especificamente na área de conhecimento Linguagens e suas Tecnologias, e a partir também da competência geral sobre cultura digital.

O problema investigado relaciona-se ao impacto das bolhas informativas, criadas por algoritmos e redes sociais, na formação da opinião pública. A intenção é compreender como a educação midiática pode capacitar cidadãos a reconhecer estratégias de manipulação e avaliar criticamente conteúdos noticiosos.

O combate à desinformação exige estratégias eficientes, e uma das mais relevantes é a educação midiática. Esta abordagem visa capacitar os indivíduos a identificar as diversas formas de manipulação presentes nos discursos veiculados nas mídias digitais, possibilitando uma avaliação crítica das informações que consomem e compartilham. A educação midiática, portanto, emerge como uma técnica metodológica crucial no enfrentamento à desinformação, promovendo o desenvolvimento de habilidades de letramento midiático que são fundamentais para a construção de uma sociedade mais crítica e bem informada.

Este texto tem caráter teórico e reflexivo, com base em revisão bibliográfica e análise crítica de autores que se debruçam sobre os temas da educação midiática, da desinformação e da cultura digital. O objetivo é discutir como a educação midiática pode

contribuir para o enfrentamento da desinformação no contexto da pós-verdade. A abordagem é qualitativa, fundamentada em obras de referência como Buckingham (2010), Hobbs (2017), Jenkins et al. (2013), Ochs (2020; 2021) e Desmurget (2023), entre outros, buscando articular as contribuições desses autores com a realidade contemporânea.

Este texto apresenta a etapa de revisão de literatura de uma pesquisa científica ainda em desenvolvimento. As discussões que se seguem compõem a base do referencial teórico consultado até o momento. O estudo seguirá investigando como o jornalismo paraibano tem investido em estratégias de educação midiática no combate à desinformação em suas produções cotidianas, a partir da observação dos conteúdos publicados no noticiário televisivo diário *Jornal Da Paraíba 1ª Edição (JPB1)*, veiculado pelas TV Cabo Branco (João Pessoa) e TV Paraíba (Campina Grande), integrantes da Rede Paraíba de Comunicação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A desinformação não é um fenômeno isolado, mas parte de um sistema complexo em que narrativas falsas ou distorcidas circulam com rapidez e intensidade, muitas vezes ganhando mais visibilidade do que informações verificadas. Essas narrativas exploram emoções fortes como medo, raiva e esperança, o que contribui para sua ampla difusão. Além disso, aproveitam-se de elementos discursivos estratégicos, como a simplicidade textual, a repetição e o apelo à autoridade (mesmo que essa autoridade seja fabricada), dificultando o reconhecimento das falsidades por parte do público. Durante a pandemia da COVID-19, por exemplo, o negacionismo científico encontrou espaço para se expandir justamente por meio dessas narrativas emocionais, que colocavam em dúvida as vacinas, os protocolos sanitários e a própria existência do vírus.

Diante desse panorama, a educação midiática surge como uma ferramenta essencial para o enfrentamento da desinformação. Mais do que ensinar a usar a mídia, ela propõe uma formação crítica que permita aos sujeitos interpretar, analisar e questionar as mensagens que recebem. Segundo Buckingham (2010), é preciso aprender com e por meio da mídia, compreendendo os processos de produção, os interesses por trás dos conteúdos e os efeitos sociais que eles geram. Hobbs (2017) acrescenta que a

alfabetização midiática é uma competência fundamental para a cidadania na era digital, pois permite a tomada de decisões informadas e conscientes.

A educação midiática também desempenha um papel central na capacitação de crianças e jovens, público que nasce inserido em ambientes digitais, mas que, ao contrário do que se costuma pensar, não é necessariamente crítico ou consciente do funcionamento desses espaços. O conceito de “nativos digitais”, proposto por Prensky (2001), tem sido questionado por pesquisadores como Desmurget (2023), que mostram que a familiaridade com a tecnologia não implica compreensão crítica. Jovens podem dominar o uso técnico de dispositivos, mas ainda assim se mostrar vulneráveis a desinformações, manipulações e discursos de ódio.

ANÁLISE E CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

A inserção da educação midiática desde os primeiros anos escolares é uma necessidade urgente, especialmente em um contexto em que o consumo de informação se dá majoritariamente pelas redes sociais. As escolas, nesse sentido, têm papel estratégico. É nelas que se pode promover uma formação crítica e reflexiva, que envolva tanto a análise de conteúdos quanto a produção ética de mensagens. Educadores precisam ser preparados para lidar com essa nova realidade e incorporar, em suas práticas pedagógicas, atividades que estimulem o pensamento crítico, o debate, a análise de fontes e a compreensão dos discursos. Jenkins *et al.* (2013) destacam que os jovens são participantes ativos nas culturas digitais e, por isso, devem ser vistos não apenas como receptores, mas também como produtores de conteúdo. Essa perspectiva amplia o escopo da educação midiática, conectando-a a temas como cidadania digital, empatia e responsabilidade no uso das redes.

No entanto, para que a educação midiática seja efetiva no combate à desinformação, é necessário que ela vá além da técnica e abrace uma dimensão discursiva. As *fake news* e outras formas de desinformação operam com base em estratégias linguísticas bem estruturadas, que apelam para o senso comum, para os afetos e para narrativas já cristalizadas no imaginário social. O trabalho de Ochs (2020, 2021) mostra como essas narrativas se constroem a partir de sentidos que reforçam vínculos identitários, fazendo com que as pessoas se sintam pertencentes a grupos ao

compartilharem certos conteúdos. Assim, desmontar essas narrativas exige mais do que apresentar fatos corretos; é preciso compreender a lógica discursiva que as sustenta.

CONCLUSÃO

Pode-se afirmar que a educação midiática constitui uma estratégia transversal, capaz de dialogar com diversas áreas do saber e com múltiplos desafios sociais. Ao promover a formação de sujeitos críticos, conscientes e participativos, ela contribui não apenas para a redução da desinformação, mas também para o fortalecimento da democracia, para a valorização do jornalismo e para a construção de um ambiente digital mais justo e responsável. Diante da complexidade do cenário atual, investir na educação midiática é investir no futuro das sociedades democráticas.

REFERÊNCIAS

- BUCKINGHAM, David. **Educação para a mídia**: alfabetização, aprendizagem e cultura contemporânea. São Paulo: Loyola, 2007.
- CECÍLIO, Camila. Educação midiática e BNCC: Saiba como aplicar com a sua turma. In: **Revista Nova Escola**. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/18420/como-trabalhar-educacao-midiatica-em-sala-de-aula>. Acesso em: 04 abr. 2025.
- DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais**: os perigos das telas para nossas crianças. São Paulo: Alta Books, 2020.
- HOBBS, Renee. **Digital and Media Literacy**: Connecting Culture and Classroom. Thousand Oaks: Corwin Press, 2011.
- JENKINS, Henry et al. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENKINS, Henry et al. **Reading in a Participatory Culture**: Remixing Moby-Dick in the English Classroom. New York: Teachers College Press, 2013.
- MARIANA, Ochs. **MídiaMakers Papers #1**: Educação midiática: por que isso importa? São Paulo: Educamídia, 2020. Disponível em: <https://educamidia.org.br/publicacoes>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- MARIANA, Ochs. **MídiaMakers Papers #2**: A escola no centro do combate à desinformação. São Paulo: Educamídia, 2021. Disponível em: <https://educamidia.org.br/publicacoes>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- OCHS, Mariana. Educação midiática e cultura digital: práticas e políticas públicas. In: UNESCO. **Competências em mídia e informação**: currículo para professores. Brasília: UNESCO, 2018. p. 45-67.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, v. 9, n. 5, 2001. p. 1–6. Disponível em: <https://www.marcprensky.com>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

SCHEIBE, Cynthia L.; ROGOW, Faith. **The Teacher's Guide to Media Literacy: Critical Thinking in a Multimedia World**. Thousand Oaks: Corwin Press, 2012.

TIC KIDS ONLINE BRASIL 2021: **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil**. São Paulo: CETIC.br/NIC.br, 2022. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

UNICEF. **Desinformação e discurso de ódio nas mídias digitais: riscos à infância e adolescência**. Brasília: UNICEF Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil>. Acesso em: 11 abr. 2025.

WINEBURG, Sam; MCDGREW, Sarah. Why Students Can't Google Their Way to the Truth. **Education Week**, Washington, D.C., 1 nov. 2016. Disponível em: <https://www.edweek.org>. Acesso em: 10 abr. 2025.